

ALFABETIZAÇÃO COMO DIREITO E ENCONTRO: SABERES, AFETOS E TRANSFORMAÇÕES NA FORMAÇÃO DOCENTE¹

Renata Barroso de Siqueira Frauendorf²

Heloísa Helena Dias Martins Proença³

Guilherme do Val Toledo Prado⁴

Eixo temático: 10. Alfabetização, pesquisa autobiográfica e história de vida de professor

Resumo: O curso “Alfabetização como direito da criança e do adolescente”, promovido pelo GRUPAD em parceria com o Movimento Educação Sempre e Diretorias de Ensino em Região Campinas-SP, buscou aproximar universidade e escola por meio de uma formação continuada pautada em práticas discursivas de leitura e escrita. Destinado a docentes dos 3ºs e 6ºs anos da rede estadual, o curso priorizou a escuta sensível, a valorização das experiências docentes e a articulação entre teoria e prática. A metodologia adotada teve como eixo central a escrita de narrativas, compreendidas como práticas formativas capazes de promover reflexão crítica, empatia e fortalecimento do pertencimento profissional. As trilhas de leitura e escrita desenvolvidas revelaram experiências marcadas por afetos, tristezas, descobertas e superações, reafirmando a centralidade desses processos na constituição da identidade docente e na formação de leitores e escritores autônomos. O compartilhamento de memórias e vivências ampliou o repertório pedagógico dos participantes e incentivou práticas mais humanizadas, contextualizadas e colaborativas. A publicação das narrativas em uma coleção digital, culminando em uma ciranda de partilhas, reafirmou a potência da formação ancorada na escuta e no reconhecimento da pluralidade de vozes. O curso demonstrou que a construção de grupos colaborativos comprometidos com a escuta alteritária, o protagonismo docente favorece a transformação das práticas de alfabetização.

Palavras-chave: formação docente; narrativas; alfabetização; leitura e escrita, grupo colaborativo.

¹ Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/vii-congresso-brasileiro-alfabetizacao/1127959-alfabetizacao-como-direito-e-encontro--saberes-afetos-e-transformacoes-na-formacao-docente/>

² Pesquisadora Colaboradora; Coordenadora GRUPAD. GEPEC – FE - UNICAMP. Contato: renata.siqfrau@gmail.com

³ Doutoranda, Coordenadora GRUPAD. GEPEC - FE. Contato: heloisamartinsproenca@gmail.com

⁴ Professor Titular em Educação Escolar da Faculdade de Educação da UNICAMP; Coordenador GEPEC. Contato: toledo@unicamp.br

1.Introdução

O curso “Alfabetização como direito da criança e do adolescente”, desenvolvido em 2023, teve como objetivo articular a alfabetização e culturas das infâncias e juventudes, promovendo práticas sociais de leitura, escrita e oralidade, em uma perspectiva de parceria universidade e escola pública. A formação buscou enriquecer o percurso de professoras, coordenadoras pedagógicas e formadoras da rede estadual paulista, valorizando seus saberes e experiências.

Desenvolvido pelo GRUPAD (Grupo Alfabetização em Diálogo), um grupo de estudos colaborativo, vinculado ao GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada, sediado na Faculdade de Educação da UNICAMP, em parceria com o Movimento Educação Sempre e instituições como Fundação FEAC, Fundação Educar DPaschoal e Diretorias de Ensino de Campinas-SP, o curso atendeu docentes e coordenadores dos 3ºs e 6ºs anos do Ensino Fundamental, com encontros virtuais mediados por formadoras experientes.

A proposta formativa, estruturada em trilhas de leitura e escrita (Ferreiro, 2004), baseou-se numa perspectiva discursiva (Geraldí, 2006), promovendo reflexões críticas sobre o ensino da língua a partir de situações reais da sala de aula. Destacou-se o cuidado com as relações, a escuta sensível e a escrita de narrativas como práticas formativas e humanizadoras (Frauendorf, 2023).

As narrativas docentes revelaram a sala de aula como espaço de construção coletiva e crítica, destacando o protagonismo docente como eixo do processo formativo (Freire, 2010; Prado et.al, 2024). Por meio de práticas contextualizadas e reflexivas, o curso reafirmou o cotidiano escolar como espaço vivo de produção de conhecimento e transformação.

2. Fundamentação teórica do processo formativo

Os encontros do GRUPAD têm como foco as experiências de profissionais da educação, marcadas por êxitos, desafios e impasses — aspectos que compõem o cotidiano escolar em práticas alfabetizadoras reveladas em narrativas orais e escritas. No grupo, há o reconhecimento de que a docência não se dá apenas em condições ideais, sobretudo nos contextos territoriais em que muitas escolas atuam, frequentemente com recursos limitados.

Diante dessa experiência vivida no grupo colaborativo (Ferrasin et al, 2021; Ferrasin, 2024; Lahtermaher, 2021; Proença, Frauendorf, 2018), optamos por incluir, no respectivo curso, a proposta da escrita de narrativas, compreendendo-a como um dispositivo metodológico capaz de aproximar-nos das vivências cotidianas e de fomentar a produção de sentidos outros para as experiências vividas. Narrar, em uma perspectiva benjaminiana, possibilita a coletivização de experiências inicialmente individuais, ampliando o repertório pessoal por meio do compartilhamento (Bispo, 2023) de situações, sentimentos e percepções. Tal processo contribui para a construção de compreensões mais ampliadas e para a elaboração de caminhos alternativos no fazer docente e formativo, que, embora singulares, oferecem indícios e pistas de um determinado universo coletivo profissional, promovendo o enfrentamento e a superação de dificuldades.

Trabalhar com narrativas na formação continuada é uma opção metodológica marcada por uma escolha epistemopolítica, ética e estética. Trata-se de desenvolver uma resposta comprometida, sensível, marcada por um ato responsável (Bakhtin, 2010), valorizando a aprendizagem colaborativa entre professores e coordenadores, onde os pares são parceiros essenciais (Lahtermaher; Cruz, 2022).

Esses espaços formativos tornam-se privilegiados para articular teorias, práticas e sensibilidades. Desta forma, a articulação se intensifica com a presença de um(a) formador(a) colaborativo(a), cuja escuta e mediação qualificadas favorecem a construção coletiva de um conhecimento que se constrói a partir da experiência da prática profissional de cada um dos sujeitos envolvidos no processo. Um formador que, mais do que prescrever, sugere caminhos e possibilidades para o enfrentamento das mais diversas dificuldades vividas no contexto escolar.

3. Metodologia

Partindo do princípio narrativo como essencial ao processo formativo de todas as pessoas envolvidas, desde o início do curso convidamos docentes, professoras coordenadoras e formadoras à produção de narrativas, tanto oral quanto escrita, como forma de mobilizar práticas de leitura e escrita. A proposta era que essas produções fossem socializadas, e quando escritas, lidas, para que integrassem uma coleção compartilhada numa ciranda de narrativas escritas ao final do curso. Essa iniciativa visou valorizar os saberes construídos a partir da experiência, promovendo um olhar sensível sobre os processos de

alfabetização, bem como possibilitou um acompanhamento intenso de cada pessoa envolvida, durante todo período de execução do curso, tanto para cursistas, quanto para formadoras.

Para despertar o desejo de escrita, logo no início do curso, partimos da leitura de uma narrativa marcante sobre um aluno de 13 anos que ainda não escrevia convencionalmente. O texto “Uma ‘criança pré-silábica’⁵ que lê?” (Chautz, 2015) gerou forte identificação e debate entre as cursistas. A narrativa tocava em ideias enraizadas sobre o que é “saber ler” e ser “analfabeto”, provocando deslocamentos nas percepções dos participantes sobre como certas falas e práticas pedagógicas impactam negativamente os estudantes, reforçando sentimentos de exclusão e deslegitimação de saberes.

Inicialmente, o trabalho com as narrativas gerou estranhamento, por fugir das práticas formativas tradicionais. No entanto, ao longo do curso, a estratégia revelou-se potente, promovendo reflexões pedagógicas densas e fortalecendo o sentido das produções: saber que os textos seriam lidos por interlocutores reais, nos encontros e que haveria uma publicação final em e-book, conferiu propósito e legitimidade à leitura e à escrita.

Esse alinhamento entre formação e prática escolar foi um princípio metodológico essencial, vivido intensamente em todo curso. As narrativas, carregadas de emoção, evocaram memórias da infância, dos primeiros contatos com leitura e escrita, bem como de experiências marcantes da vida escolar e profissional. Ao compartilhá-las os participantes puderam ressignificar suas trajetórias e reconhecer como muitas dessas marcas emergem em sala de aula, nas relações com os estudantes.

Esse movimento formativo fortaleceu vínculos, promoveu escuta sensível e compreensão mútua entre os participantes, ampliando o repertório pedagógico e deixando fluir uma dimensão afetiva e valorativa na linguagem, ou seja, seu aspecto emotivo-volitivo (Bakhtin, 2010). Avançamos, assim, rumo a uma formação continuada mais humanizada, comprometida com os sujeitos e seus contextos, e atenta à potência formativa das histórias vividas.

4. Resultados e Discussão

⁵ Embora no título esteja uma criança pré silábica, discutimos ao longo do curso que não é a criança que é e sim a escrita que ela produz.

Das muitas narrativas produzidas, lidas e comentadas, organizamos uma coleção com 62 textos relacionados à leitura, escrita e as experiências docentes, que não se encaixavam exatamente ao conjunto de leitura ou escrita, que foram publicadas no ebook *Tecendo Trilhas: Leitura, Escrita e o Direito à Educação* (Prado et al., 2024). A ideia de colecionar narrativas nasceu inspirada na pesquisa de doutorado de Frauendorf (2023), em que tematizou narrativas de formadoras de formadoras, de sua coleção pessoal. A colecionadora, na perspectiva benjaminiana, estava interessada em objetos de pouco valor comercial, “quinquilharias”, mas de alto valor afetivo; e no caso das narrativas colecionadas, as experiências vividas ali condensadas, tornam-se artefatos de grande importância para colecionadores, leitores, pesquisadores de experiências, de memórias, de pensamentos e de práticas docentes e formativas.

A coleção, na perspectiva benjaminiana, é composta por partes, fragmentos de um todo maior que ao serem colocados juntos de modo arbitrário se configuram numa síntese de um vasto universo cultural, em nosso caso, narrativas de um grupo de profissionais da escola básica nos revelando saberes, ideias, imagens sobre os processos de alfabetização vividos em diferentes contextos escolares.

Nesse aspecto, passamos a conceber a escola como um espaço de produção contínuo de múltiplas coleções. Um ambiente heterogêneo, composto por vidas, saberes e experiências que se entrelaçam, se refletem e se refratam mutuamente, portanto de grande valor para nós e para os profissionais da educação. Cada estudante representa um universo singular; cada profissional da educação, um narrador, um colecionador de olhares, gestos e aprendizagens que compõem, coletivamente, a complexidade do cotidiano escolar (Prado et al., 2024).

4.1 A trilha de leitura: o que aprendemos com ela?

“Ler é um modo de vida. Escolher os livros é um modo de viver.”
Jeferson Tenório, 2025.

As narrativas produzidas pelas cursistas revelaram uma leitura como prática permeada por experiências afetivas, subjetivas e sociais, contribuindo para uma visão mais significativa do ensino e das práticas de leitura. As histórias compartilhadas mostram a leitura como construção de sentido vinculada a memórias, emoções e contextos. A lembrança afetiva de

momentos com livros e bibliotecas, muitas vezes mediada por familiares ou professores, foi recorrente, evidenciando seu papel na formação de uma identidade leitora.

Também foram relatadas ausências de experiências leitoras no contexto familiar ou escolar, o que ainda impacta a prática docente. Muitos profissionais relatam insegurança diante de certos textos, o que evidencia a importância de uma formação leitora pautada em afeto, liberdade e curiosidade, para além de objetivos meramente avaliativos. Fatores que reforçam que diversidade de gêneros, temas e perspectivas são elementos que precisam ser valorizados nos processos formativos. Nas palavras de Tenório (2025, s.p), “a leitura só se completa na partilha com o outro. É quando eu tenho essa interlocução com o outro que dou sentido àquilo que li.”

Outro aspecto importante foi o reconhecimento de práticas pedagógicas significativas que valorizam os saberes dos alunos, em contraposição às experiências negativas com as práticas de leitura voltadas apenas a avaliação. Iniciativas como o “caderno da leitura” e a “sacolinha viajante” reforçaram o elo entre escola, família e comunidade, ampliando o sentido da leitura como prática social. Os registros escritos, debates e rodas de conversa evidenciam a leitura como espaço de escuta e valorização das múltiplas vozes da sala.

Projetos compartilhados, como o “Atitude Educação⁶” na edição de 2023, reforçaram o potencial da literatura como meio de transformação, indo além do ensino de Língua Portuguesa e promovendo o protagonismo juvenil e o senso crítico, apresentando a leitura como prática que mobiliza afetos, reflexões e atitudes.

Ao compartilhar suas histórias, as cursistas reconstituíram sentidos e ressignificaram suas trajetórias, projetando novos futuros (Benjamin, 1987). Essa abordagem, alinhada à proposta do GRUPAD (Proença, Prado, Frauendorf, 2020), valoriza a memória e a subjetividade como pilares da formação docente, fortalecendo vínculos e fomentando um ambiente colaborativo e reflexivo.

4.2 A trilha de escrita: o que aprendemos com ela?

“Antônio, Maria, Pedro e Fátima sabem ler e escrever. Aprenderam a ler praticando a leitura. Aprenderam a escrever praticando a escrita. É praticando que se aprende. Vamos escrever.”

Paulo Freire, 1989

⁶ O Atitude Educação, é uma iniciativa realizada pela Fundação FEAC e tem o objetivo de sensibilizar e mobilizar a sociedade na defesa e garantia dos direitos à educação pública de qualidade, especialmente na cidade campineira.

A trilha de escrita, guiada pela pergunta “Como foi a sua experiência escolar com a escrita?”, inspirada em Geraldi (2006), revelou que o processo de aprendizagem da escrita foi marcado por vivências emocionais intensas: afetos, dores, descobertas e superações. Muitas participantes relataram um início difícil na escrita, em contextos de rigidez, punições e pouca escuta.

As narrativas destacaram o uso de métodos tradicionais, como a cartilha *Caminho Suave* (Sobrinho, 2020), silabários e cópias, frequentemente associados à aprendizagem por memorização, ao medo do erro, à exposição pública e ao autoritarismo. Professores que usavam régua, palmatórias ou expunham os alunos marcaram negativamente a relação com a escrita, gerando bloqueios duradouros e fragilizando o desenvolvimento da autoria. Nesses casos, a escrita era vista como técnica a ser dominada para atender demandas escolares, desprovida de sentido pessoal ou social.

Apesar das adversidades, muitas educadoras ressignificaram essas vivências a partir de novos encontros com professores acolhedores e ambientes mais reflexivos. Para várias, foi apenas na vida adulta — na formação docente ou em cursos de pós-graduação — que a escrita passou a ser compreendida como instrumento de expressão, pertencimento e transformação (Ferreiro, 2013).

O afeto e o reconhecimento também surgiram como fatores importantes. Pequenos gestos como elogios à letra ou à organização do caderno fortaleceram vínculos com a escrita. No entanto, como apontam Geraldi (2006) e Brakling (2004), é preciso mais do que elogios: é essencial oferecer situações reais de produção escrita, que reconheçam os alunos como escritores com algo a dizer, a alguém, em contextos significativos.

Algumas participantes relataram experiências iniciais mais tranquilas, porém marcadas pela normatividade. A letra cursiva, por exemplo, era vista como sinal de evolução, enquanto a letra de forma maiúscula, conhecida como letra bastão nos contextos de alfabetização, remetia à imaturidade. Foi identificado nas narrativas que esse imaginário persiste e ainda pode influenciar como docentes reconhecem (ou não) seus alunos como autores (Ferrasin, 2024).

O prazer de escrever apareceu especialmente quando a escrita foi vivida como meio de expressar sentimentos e experiências reais, em situações sociais autênticas. Isso reforça a importância de práticas pedagógicas que valorizem a autoria, a escuta, a liberdade criativa e a diversidade de contextos desde os primeiros anos de alfabetização.

5 Considerações Finais

A experiência do curso "Alfabetização como direito da criança e do adolescente" fruto da parceria entre GRUPAD, Movimento Educação Sempre e Diretorias de Ensino da Região Leste e Oeste de Campinas - SP afirma o potencial formativo das comunidades de aprendizagem docente como estratégias insurgentes de formação. Nesses espaços, educadores e educadoras não apenas compartilham saberes e práticas, mas também se reconhecem como sujeitos históricos em constante (re)construção, situação que potencializa a construção de conhecimentos. Como destacam Lahtermaher e Cruz (2022), o sentimento de comunidade emerge no fazer coletivo, sustentado pelo pertencimento, pela escuta alteritária e pelo desejo genuíno de tornar públicas as ações pedagógicas.

Ao vivenciar as memórias e analisar as narrativas partilhadas pelas cursistas, foi possível perceber a centralidade da leitura como elemento formador de subjetividades, atravessado por afetos, descobertas e encontros marcantes com professores e livros. A escrita, por sua vez, mostrou-se como um processo singular e profundamente vinculado às vivências emocionais, sociais e culturais de cada sujeito. Longe de ser um simples conteúdo curricular, ela foi compreendida como prática de resistência, afirmação de identidade e possibilidade de libertação.

O curso revelou, portanto, que a abordagem discursiva do ensino da leitura e da escrita, somado ao ato de valorizar memórias, afetos e contextos diversos, amplia as possibilidades do fazer docente na alfabetização. Narrar experiências pessoais e profissionais é uma prática potente, capaz de promover uma formação reflexiva e transformadora. Ao se reconhecerem como autoras de suas trajetórias, as professoras fortaleceram uma postura investigativa e colaborativa rompendo com a lógica técnica e isolada nas práticas alfabetizadoras, portanto altamente formativa.

Assim, mais do que conteúdos, o curso proporcionou encontros. Encontros de profissionais com histórias, com sentidos, com outras pessoas e consigo mesmas. Compreendemos que é nesse movimento de escuta, troca e criação que a formação docente ganha vida, relevância e potência transformadora.

Referências.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.
BAKHTIN, M. M. Para uma filosofia do ato responsável. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Obras Escolhidas. v.1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BISPO, Antônio S. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BRACKLING, K. L. **Sobre leitura e a formação de leitores**: qual é a chave que se espera?. São Paulo: SEE: Fundação Vanzolini, 2004. Texto parcialmente publicado no portal www.educarede.org.br.

CHAUTZ, Grace C. C. B. Ler e Ser. Ou Seria, Ser e Ler? In: **Pipocas Pedagógicas III**: narrativas outras da escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

FERREIRO, Emilia. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito**. Seleção de textos de pesquisa. Tradução de Rosana Malerba - São Paulo: Cortez, 2013.

FERRASIN, Fernanda C. D. A. L. et al.. **REGISTROS DO GRUPAD: PALAVRAS DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS**. In: Anais do Seminário Fala Outra Escola. Anais...Campinas(SP) UNICAMP, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xfalaoutraescola2021/372198-REGISTROS-DO-GRUPAD--PALAVRAS-DAS-PROFESSORAS-ALFABETIZADORAS> . Acesso em: 06/04/2025.

FERRASIN, Fernanda C. D. A. L. **Os fios de constituição da professora-pesquisadora-alfabetizadora**: diálogos com um coletivo de professoras. 2024. 1 recurso online (p.) Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/19056>. Acesso em: 6 abr. 2025.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. Editora Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FRAUENDORF, Renata B. De S. **De estrela a constelações: investigação formação narrativa da formadora flâneuse de formadoras**, 2023. 283f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

GERALDI, João W. **Escrita, uso da escrita e avaliação**. In: GERALDI, J. W.; ALMEIDA, M. J. (Orgs.). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2006, p. 127-131.

LAHTERMAHER, Fernanda C. D. A. L.. **Comunidades de aprendizagem docente como estratégia de indução profissional**. 2021. 294f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, RJ.

LAHTERMAHER, Fernanda C. D. A. L.; CRUZ, Giseli B. **Articulações entre estabelecidos e outsiders no contexto de uma comunidade de aprendizagem docente**. Educar em Revista, vol. 38, e85839, 2022. Disponível: <https://www.redalyc.org/journal/1550/155070813039/155070813039.pdf> Acesso em: 06 abr. 2025

PRADO, Guilherme do V. T. **Narrativas pedagógicas**: indícios de conhecimentos docentes e desenvolvimento pessoal e profissional. Interfaces da Educ., Paranaíba, v. 4, n. 10, p.149-165, 2013

PROENÇA, Heloísa H. D. M.; PRADO, Guilherme V. T.; FRAUENDORF, Renata B. de S. **Formação de leitores: narrativas de profissionais da educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

PROENÇA, Heloísa H. D. M.; FRAUENDORF, R. B. de S.; Formação de profissionais da educação: a potência das narrativas do cotidiano e dos grupos de estudos colaborativos. in **Anais do VIII CIPA** - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. São Paulo: 2018, p. 6-7.

PRADO, Guilherme V. T.; PROENÇA, Heloísa H. D. M.; FRAUENDORF, Renata B. de S.; MORENO, Eliana R. [Orgs.] **Tecendo Trilhas: Leitura, Escrita e o Direito à Educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

TENÓRIO, Jeferson. Jeferson Tenório na UFSC: 'Imaginar e fantasiar, nos dias de hoje, é um ato de resistência'. Notícias UFSC, Florianópolis, 12 mar. 2025. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2025/03/jeferson-tenorio-na-ufsc-imaginar-e-fantasiar-nos-dias-de-hoje-e-um-ato-de-resistencia/>. Acesso em: 06 abr. 2025.

SOBRINHO, Branca A. de L. **Caminho suave**: cartilha. 132. ed. São Paulo: Edipro, 2020.